

mudar
a



vida

publicação do graal

13.

JANEIRO 1979

- *um espaço de reflexão crítica sobre as correntes e movimentos sociais do nosso tempo*
- *um estímulo à criação de modelos alternativos de vida em sociedade*
- *um olhar de fé sobre o hoje e o amanhã da história que vivemos*

FALAR OU COMUNICAR?

A COMUNICAÇÃO É PROBLEMA

O estudo dos problemas da comunicação nas sociedades modernas constitui uma tarefa imensa e complexa, pela multidimensionalidade das questões que lhe são inerentes. De facto, apreendida globalmente, a comunicação aparece como coextensiva a toda a sociedade e presente em cada elemento do sistema social. Ela põe em causa todas as instituições e pode ser estudada sob as mais diversas perspectivas: tecnológicas, políticas, sociais, económicas, jurídicas, culturais, psicológicas.

Justamente porque se trata de uma encruzilhada e de uma constelação de problemas, é conveniente começarmos por nos perguntarmos por que razão a comunicação é, no mundo de hoje, um problema e em que consiste esse problema. As respostas são múltiplas:

A comunicação é problema antes de mais porque se encontra associada a todas as questões sobre as quais a humanidade se interroga com uma inquietação crescente: questões relativas à sobrevivência da espécie humana, à paz e cooperação entre os povos, à redução das desigualdades, à utilização razoável e equitativa dos recursos do planeta, à explosão demográfica, ao funcionamento da democracia. Ao mesmo tempo que se põem estas e outras questões verifica-se o recuo ou o enfraquecimento do sentimento religioso, a crise dos valores morais em numerosos países e a tendência a pôr em causa ou a menosprezar as respostas fundadas sobre as crenças, costumes ou tradições seculares.

A comunicação é problema porque nela foram postas, sobretudo de há meio século para cá, enormes esperanças muitas vezes frustradas — esperanças de transformação social e de mudança política, esperan-

ças de desenvolvimento cultural e de democratização do saber.

A comunicação é problema porque a sua influência exacta é ainda hoje difícil de discernir e porque os seus limites e contornos permanecem imprecisos e nebulosos. A curto prazo, a sua influência parece variável e relativamente fraca; a mais longo prazo, parece considerável, embora isso também seja difícil de provar.

AS FUNÇÕES DA COMUNICAÇÃO

Numa perspectiva global, a comunicação surge simultaneamente como uma necessidade social, uma exigência económica e uma necessidade política. É pois nesta tríplice perspectiva que poderão ser analisadas as funções da comunicação, quer elas se exerçam a nível individual, a nível social ou a nível internacional. Por razões de análise, poder-se-ão distinguir cinco funções essenciais da comunicação:

— Uma função de **informação**, propriamente dita, que se refere à colheita, reunião e tratamento de dados, que garante a liberdade de expressão, que facilita a transferência das relações sociais e que assegura a difusão dos elementos de conhecimento, de juízo e de opinião necessários à compreensão da sociedade ambiente e do mundo na sua totalidade. Esta função é indissociável de todo o processo democrático.

— Uma função de **persuasão**, de motivação e de interpretação, ligada ao controlo social, à organização das actividades colectivas, à coerência das acções

públicas e, sobretudo, ao esforço de convicção e de comando que supõem os objectivos comuns. Esta função é inseparável dos esforços de desenvolvimento económico e social.

— Uma função de **educação** e de transmissão da herança social e cultural, função que deve ser exercida na ampla fidelidade aos objectivos da informação e aos objectivos da educação, segundo as modalidades que lhes são próprias. Embora esses objectivos possam ser convergentes, devem permanecer distintos na sua coerência e complementaridade: a informação fornece os dados e desperta a curiosidade pelos problemas; a educação facilita a sua compreensão, favorece a tomada de consciência e prepara a solução.

— Uma função de **socialização** destinada a facilitar a participação dos indivíduos, dos grupos e das colectividades na vida pública e na elaboração e tomada das decisões. A troca e a difusão das informações e dos dados da experiência favorecem a interacção social e permitem a um número crescente de cidadãos tomarem parte activa na solução dos problemas que lhes dizem respeito. Esta função faz parte integrante da democratização da vida pública.

— Uma função de **distracção** associada aos tempos livres, segundo modalidades variáveis de acordo com a diversidade dos contextos culturais e os níveis de desenvolvimento económico. Esta função está associada à melhoria da qualidade de vida.

DO VERTICAL AO HORIZONTAL

A noção de participação decorre dos sistemas sociais modernos nos quais as formas de «democracia representativa» cedem progressivamente o passo a formas mais directas de «democracia de participação». No domínio da comunicação, esta tendência decorre do facto de se ter posto em questão o modelo de informação vertical, de cima para baixo, que predomina na maior parte das sociedades. Segundo o modelo existente, um pequeno número de fontes de transmissão dirige-se a um grande número de receptores. O poder de decisão está concentrado nas mãos de organismos públicos ou privados, sobre os quais o público quase não tem influência. Os programas são estabelecidos por organis-

mos de produção, visam um auditório de massa e contentam-se geralmente com uma produção estandardizada.

O conceito de participação subverte este sistema e traz, como consequência, a procura de remédios para as numerosas deformações da comunicação. Da prática do monólogo, exercido em sentido único — dos que sabem para os que não sabem, dos que estão informados para os que carecem de informação, dos dirigentes para os dirigidos — passa-se ao diálogo da comunicação, aberto a uma multiplicidade de interlocutores; da transmissão vertical de mensagens, sem retroacção, passa-se à comunicação horizontal, favorecendo trocas a todos os níveis.

COMUNICAÇÃO INTERPESSOAL

A comunicação social reveste múltiplas formas. Algumas dessas formas são interpessoais, outras institucionais; umas são directas, outras implicam o emprego de meios artificiais. Algumas resultam da expressão espontânea de indivíduos e grupos; outras são organizadas, conscientemente, por pessoas ou colectividades detentoras do poder, sob diferentes formas e com diferentes manifestações.

Nas sociedades tradicionais, a comunicação verbal e interpessoal constitui um verdadeiro sistema de educação e de formação, de base profundamente cultural. Nas sociedades africanas, por exemplo, todos os actos significativos da vida, todas as criações da cultura, são representadas através da palavra, do tambor, da dança, do narrador público, etc. As artes do espectáculo têm nestas sociedades um papel simultaneamente cultural e recreativo, servindo de veículo à transmissão de mensagens de significado social. Grupos itinerantes de canto, de dança e de teatro, espectáculos de marionetes e outros «meios folclóricos» constituem um meio

essencial de comunicação: as representações não só transmitem informação como projectam ideias que provocam a distracção e influenciam as atitudes e os comportamentos.

Nas sociedades industrializadas, o recurso a um número crescente de conferências e reuniões — nascidas da iniciativa de organizações governamentais ou não-governamentais, de grupos de negócios ou de associações profissionais — constitui uma outra faceta da comunicação oral. Basta dizer, para apenas citar uma ordem de grandeza, que se cifra em cerca de dois milhões o número de cientistas, técnicos e especialistas que participam em congressos internacionais. Se se contassem também as reuniões científicas nacionais ou regionais, o número de participantes ultrapassaria certamente os cinco milhões.

Muitos milhares de grupos e associações de toda a ordem tornam possível, através das suas reuniões, múltiplas formas de trocas sociais, susceptíveis de trazer à luz reivindicações, de resolver conflitos, de sus-

citar a conciliação das opiniões ou de contribuir para a tomada de decisões sobre questões de interesse comum.

Este tipo de trocas reveste-se de muita importância para os responsáveis pelas decisões e os técnicos da comunicação, por duas razões. Em primeiro lugar, porque elas podem desempenhar um papel significativo na modificação da atitude das massas e na formação da opinião pública. Em segundo lugar, porque existe, ou deveria existir, uma relação estreita entre a comunicação interpessoal e a comunicação veiculada pelos meios de comunicação social.

Com efeito, a influência dos «mass media» é orientada, reforçada ou modificada pela ação difusa de comunicação interpessoal, espontânea ou organizada. Especialistas das ciências sociais observaram que, em numerosos casos, os «mass media» são instrumentos adequados para mudar os conhecimentos, mas, quando o objectivo é a mudança de atitude, a comunicação interpessoal é mais eficaz. Por isso, se pretendemos que o poder global da comunicação contribua para promover a ação social, cultural e política, teremos que reforçar as ligações entre as redes de comunicação interpessoais e os «mass media». Só assim a política de comunicação poderá ser coerente.

*Relatório Mac Bride
UNESCO, Setembro 1978*

RECEPTORES SELECTIVOS

Longe vai o tempo em que se pensava que o espírito do receptor de informação era uma espécie de cera mole, inteiramente moldável pelos meios de co-

munição, pela propaganda ou pela publicidade. Numerosos estudos têm mostrado, sobretudo a partir de 1940, como o receptor assimila a informação recebida, como a filtra, a rejeita ou a transforma. Existem, além disso, no seio dos diversos grupos sociais, mentores de opinião, mediadores entre a fonte e o receptor. São esses que apontam o caminho: «é preciso não perder aquele artigo», «já viste o último filme de fulano?», etc.

Sabemos também que o que contraria as crenças profundas de cada um é rejeitado e não assimilado, apesar do bombardeamento da informação. Permanecem em nós numerosas crenças, para além do mundo dos meios de comunicação de massa. Apesar de vivermos numa sociedade hiper-mediaticizada, muitos rumores, informações passadas de boca a boca, neutralizam os efeitos do que nos traz a imprensa, a rádio e a televisão.

Examinemos o problema da recepção ao nível da teoria da informação. Que diz ela? A informação corresponde àquilo que traz um elemento novo ao conhecimento, àquilo que provoca uma surpresa ou liberta uma incerteza. Mas o puro desconhecido não existe e toda a informação se deve enxertar naquilo a que a teoria chama uma «redundância» e a que eu chamo uma **estrutura do pensamento**. Se a informação não for introduzida numa tal estrutura não será apreendida como tal: será negada ou esquecida.

No domínio político, por exemplo, o militante de um partido ou de um movimento consome redundância ao ler a imprensa do seu grupo. As informações que lhe são filtradas, seleccionadas ou propostas não provocam nele qualquer surpresa; limitam-se a confirmar

A NEVROSE DA PALAVRA

O homem inchado de palavras — que personagem desagradável! Nele tudo remexe, tudo ferve, tudo exige imperiosamente a ocasião de se extravasar. Procura nada perder do que se diz à sua volta — as evidências banais, as repetições enfadonhas, os conhecimentos gastos, as contestações pobres, as ideias em voga — e trepida de impaciência. Tem coisas a dizer, ele! Tem a dizer qualquer coisa que guardou durante muito tempo dentro de si e que agora eclode com violência.

Não sabe escutar, fala demasiado, atropela os outros e corre puxando-os pela manga. Quando fala pouco sente-se nele uma enorme irritação por ter que guardar para si aquilo que pensa. Por isso, a sua presença num grupo é sempre incômoda. Perturba, impõe-se e, quando os outros crêem saborear o grande silêncio da paz, ele agita-se enervado, incapaz de contar a sua angústia e agressividade.

Quando abre a boca é uma torrente, um rio; pode falar o dia inteiro, a noite inteira (para falar verdade pode mesmo falar dias e dias, até esvaziar o seu enorme saco atulhado do que há de mais novo e de mais velho). Quando fecha a boca, receando tornar-se importuno, ansioso por ouvir, por saber o que os outros pensam, deixa-os sem voz. Ou já falou demais ou ainda não disse tudo. A sua palavra cria ruturas, ausência, estranheza.

Se ao menos ele estivesse à altura daquilo que diz! Mas não: as palavras transportam-no cada vez para mais longe, para mundos que ele próprio ignora e onde se sente desconcertado e incapaz.

No fundo, é talvez ele o seu primeiro ouvinte!

*Maurice Bellet
in «Le lieu du combat»
Desclée, Paris 1976*

aquilo em que ele já acreditava. Ele próprio filtra, aliás, as informações que recebe da rádio ou da televisão e rejeita como mentiras, calúnias, simples demagogia, o que não se adequa às suas verdades. Os grandes debates televisivos não fazem senão convencer os já convencidos; a informação só é operacional para a pequena franja dos hesitantes e dos inseguros.

Com efeito, para que haja informação é preciso um mínimo de abertura: a pessoa tem que estar pronta a aprender qualquer coisa que possa modificar a sua estrutura de pensamento. Acontece muitas vezes que uma informação, considerada objectivamente válida por grande número de observadores, é rejeitada como inverosímil porque não corresponde à estrutura mental de quem a recebe. Os indivíduos e os grupos têm enormes meios de defesa — defesa das suas ilusões, dos seus erros e, sobretudo, defesa da sua experiência vivida.

Edgar Morin
in «Projets», 124, Abril 1978

DAS PALAVRAS E DAS COISAS

Desenvolvemos a nossa faculdade de pensar numa só direcção e acabámos por esquecer a verdadeira natureza da relação que liga os pensamentos aos actos, as palavras às coisas. Esquecemos que os pensamentos e as palavras são simples convenções e que é lamentável levar as convenções demasiado a sério.

Uma convenção estabelece-se por comodidade social — é o caso do dinheiro, por exemplo. O dinheiro permite evitar os inconvenientes da troca, mas seria absurdo tomá-lo demasiado a sério, confundindo-o com a riqueza real. De facto, o ouro e a prata são meios estáticos, podem durar muito tempo, enquanto que as riquezas reais, como o alimento, são perecíveis. Mesmo que uma comunidade possuísse todo o ouro do mundo, se não armazenasse as suas colheitas, morreria de fome.

Do mesmo modo, os pensamentos, as ideias e as palavras são «moedas» que representam coisas reais. Elas não são essas coisas, representam-nas e, em certos aspectos, estão longe de lhes corresponder. A relação entre as palavras e as coisas é a mesma que entre o dinheiro e os bens reais: as ideias e as palavras são «fixas»; as coisas reais mudam.

É precisamente porque as palavras são, por natureza, fixas, definidas, isoladas, que lhes é extremamente difícil descrever as características mais importantes da vida: o seu movimento e a sua fluidez. Da mesma maneira que o dinheiro não representa o carácter perecível e comestível do alimento, as palavras e os pensamentos não representam a vitalidade da vida.

As palavras simbolizam a vida, mas não apreendem o que ela realmente é. É por isso que todas as «explicações» do universo veiculadas por palavras se revelam circulares e as coisas mais importantes permanecem inexplicadas e indefinidas.

Não que as palavras sejam inúteis; a sua utilização é, pelo contrário, de maior utilidade, desde que não esqueçamos que elas são simples convenções, comparáveis às linhas imaginárias das latitudes e longitudes traçadas sobre mapas, mas sem existência real. Na prática, porém, estamos todos enfeitados pelas palavras. Ficamos por isso desconcertados e perdidos, quando verificamos que elas não são tudo. Quanto mais nos esforçamos por viver no mundo das palavras, mais nos sentimos sós e isolados, mais nos afastamos da alegria e da vida das coisas, no desejo de atingir a certeza e a segurança. Quando somos forçados a admitir que é precisamente no mundo real que vivemos, começamos a sentir-nos ignorantes, incertos e pouco seguros do que quer que seja.

Alan Watts
in «Bienheureuse insécurité»
Ed. Stock, 1977

A ARTE DE BEM CONTAR

Aprende a contar histórias. Contai livremente aquilo de que gostais, aquilo que vos habita, aquilo que vos canta na alma.

E, sobretudo, não vos preocupeis em interpretar. Compreendereis na altura própria aquilo que tiverdes dito. Aquele que ao ouvir o narrador procura explicar o sentido da história a partir das ideias que tem sobre a «ideologia dominante» ou sobre a «libido» não passa de um

pedante. Não façais como ele. É preciso habitar longamente aquilo que se ouve antes de entender qualquer coisa. E isso tem pouco a ver com o exibicionismo dos arrivistas da ciência.

A arte de bem contar é maior do que a arte de qualquer comentador.

Maurice Bellet
ibidem